

Universidade Federal de Viçosa
Curso de Graduação em Ciências Sociais

LAYRA GOMES DE BARROS

**Divisão Sexual do Trabalho nas carreiras de Agrárias na
Graduação da Universidade Federal de Viçosa**

VIÇOSA
2016

Layra Gomes de Barros

**Divisão Sexual do Trabalho nas carreiras de Agrárias na
Graduação da Universidade Federal de Viçosa**

Monografia, apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Daniela
Leandro Rezende

VIÇOSA
2016

Layra Gomes de Barros

**DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NAS CARREIRAS DE
AGRÁRIAS NA GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
VIÇOSA**

Monografia, apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Viçosa, 12 de Dezembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Daniela Leandro Rezende

Prof^a. Dra. Daniela Alves de Alves

Prof^a. Dra. Marisa Barletto

A todas as mulheres incríveis que tive a honra de conhecer, principalmente minha mãe, que sempre esteve ao meu lado e me ensinou a respeitar a todos, me incentivou a conhecer o mundo e a questioná-lo para sempre ver e propor novas possibilidades.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Elisabete e José Geraldo, e ao meu irmão, Leandro, por todo apoio e suporte ao longo de todos os anos da minha vida, me dando muito amor e coragem.

A minha orientadora Daniela Leandro Rezende, por toda dedicação, paciência, atenção a mim e a meu trabalho, por acreditar e incentivar as minhas ideias e estar sempre presente.

A todos colaboradores e professores do Departamento de Ciências Sociais, por sempre me auxiliarem tanto em demandas acadêmicas quanto em questões pessoais.

Aos amigos que fiz durante minha graduação, em especial Angélica, Junior e Mariane por serem meu braço direito ao longo de toda a graduação.

A todos que fizeram parte diretamente ou indiretamente da minha formação, o meu muito obrigada!

Lista de Gráficos

GRÁFICO I: Média de estudantes por sexo e por centro de ciências da Universidade federal de Viçosa, de 2000 a 2016	20
GRÁFICO II: Ingressantes do CCA, de 2000 a 2016	22
GRÁFICO III: % Geral de Mulheres por Curso do CCA	23
GRÁFICO IV: Média Percentual de Professoras Mulheres por Centro, de 2006 a 2015	25
GRÁFICO V: Média Percentual de Professores Homens por Curso do CCA, 2006 a 2015	26
GRÁFICO VI: Média do CRA Médio de Ingressantes por Sexo e por Curso Selecionado, de 2000 a 2016	27
GRÁFICO VII: Média do CRA Médio de Concluintes por Sexo e por Curso Selecionado, 2000 a 2016	27

Lista de Abreviações

CCA - Centro de Ciências Agrárias

CCB - Centro de Ciências Biológicas

CCE - Centro de Ciências Exatas

CCH - Centro de Ciências Humanas

CNPq - Conselho Nacional de Pesquisas

CRA – Coeficiente de Rendimento Acumulado

ESAV - Escola Superior de Agricultura e Veterinário

GeTec - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Tecnologia da UTFPR

IES – Instituições de Ensino Superior

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

RAAGCyT - Rede Argentina de Gênero, Ciência e Tecnologia

UFV - Universidade Federal de Viçosa

UREMG - Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso analisou a divisão sexual do trabalho nas carreiras de Agronomia, Engenharia Agrícola e Ambiental e Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa. Esses são cursos em que há um maior percentual de estudantes do sexo masculino e a área de agrárias pode ser considerada tradicionalmente masculina. O conceito de divisão sexual do trabalho aponta que existe, com base na relação social entre os sexos, um processo de separação entre as atividades para as mulheres e as para os homens, e também aponta uma hierarquização, em que os trabalhos ditos masculinos são tidos como superiores aos femininos. A partir da literatura sobre o tema, analisei dados de ingressantes e concluintes nos cursos mencionados, no período entre 2000 e 2016, além de realizar entrevistas com estudantes vinculados (as) a tais cursos. Com base nos dados levantados pude verificar que ainda há dificuldades para estudantes do sexo feminino nessas carreiras, principalmente no que concerne a relação com os professores do sexo masculino e atuações em estágios. Nesse sentido concluí que há divisão sexual do trabalho nas carreiras estudadas, manifestada pela discriminação entre estudantes de acordo com seu sexo, fator que pode levar à naturalização da desigualdade e à restrição de áreas de atuação das estudantes vinculadas a tais cursos.

Palavras-chave: divisão sexual do trabalho; ciências agrárias; ensino superior.

ABSTRACT

The present work analyzed the sexual division of labor in the careers of Agronomy, Agricultural and Environmental Engineering and Forestry Engineering of the Federal University of Viçosa. These are fields where there is a higher percentage of male students and Agricultural Sciences can be considered traditionally male. The concept of sexual division of labor indicates that there is a process of separation between female and male activities, based on the social relationship between the sexes. This concept also points to a hierarchy in which male labor is considered as superior to female labor. In face of this concept, I analyzed quantitative data of undergraduate students in the fields mentioned above, in the period between 2000 and 2016, and also conducted interviews with them. Based on the data collected, it was possible to verify that there are still difficulties for female students in these careers, especially regarding the relationship with male professors and performance in internships. In this sense, I concluded that there is a sexual division of labor in those fields, expressed by the persistence of discrimination among students according to their sex, a factor that can lead to the naturalization of inequality and the restriction of areas of activity for female students in those fields.

Keywords: sexual division of labor; Agricultural Sciences; higher education.

SUMÁRIO

1) RESUMO	VIII
2) ABSTRACT	IX
3) Introdução	11
4) Capítulo 1: Os reflexos da divisão sexual do trabalho no Ensino Superior	15
5) Capítulo 2: Metodologia	21
6) Capítulo 3: Tradicionalismo e resistência nas Ciências Agrárias da UFV	26
7) Considerações finais	38
8) Referências Bibliográficas	41
9) Anexos	44

1. Introdução

Historicamente, nas sociedades ocidentais, as mulheres foram (e são) vinculadas à vida doméstica, ou melhor, à vida privada. É a partir de uma tomada de consciência das mulheres, que se iniciaram mobilizações para que, além de haver valorização dos afazeres domésticos enquanto trabalho, fosse garantido a elas acesso à esfera pública e, assim, ao mercado de trabalho.

Segundo Hirata e Kergoat (2007), o trabalho é marcado por uma divisão sexual, fenômeno que tem como base a relação social entre os sexos, e como característica dois princípios: o de separação, que se refere ao fato de haver trabalho para homens e trabalho para mulheres; e o de hierarquização que reflete que o trabalho masculino “vale” mais que o feminino (HIRATA; KÉRGOAT, 2007).

Assim, a desigualdade de gênero permeia inúmeras estruturas sociais (CASTELLS, 2000). Dentre essas podemos destacar o ensino superior, em que há uma clara distinção entre as áreas de atuação para as mulheres e para os homens. Apesar de não haver empecilhos jurídicos ou institucionais para que mulheres atuem em áreas denominadas enquanto masculinas, existem mecanismos informais que reafirmam que estes espaços são para os homens e que inibem a participação das mulheres. Assim, mesmo com as transformações que ocorreram ao longo dos anos, resultando em um aumento da participação das mulheres nos cursos de graduação ditos masculinos, é fundamental compreender porque esta elevação é tão baixa e lenta (CABRAL; BAZZO, 2005).

Rosemberg (2002) fala sobre a importância de se analisar a desigualdade de gênero no mundo acadêmico, uma vez que a formação deste é fortemente ligada a estereótipos de gênero, assim como à própria divisão sexual do trabalho. Do ponto de vista histórico, as mulheres tiveram suas conquistas no que se refere à educação, inicialmente, no período do Renascimento e da Revolução Científica, quando começaram a aprender a ler e a escrever e, em um segundo momento, conseguindo a liberação para o acesso ao ensino superior. Entretanto, destaca-se a baixa participação das mulheres em papéis de liderança na área científica, apesar de não haver

empecilhos formais para esta participação, na vigência da igualdade jurídica (CABRAL; BAZZO, 2005).

No Brasil, especificamente, as mulheres puderam participar de vestibulares para todos os cursos de ensino superior a partir de 1961, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) e a reversão do hiato de gênero se deu a partir de 1970, quando se iniciou maior inserção de mulheres nessas instituições. Na atualidade, elas representam a maior parte de matrículas no ensino superior, gerando uma reversão do hiato de gênero presente na educação. Entretanto, o aumento do percentual de mulheres nas universidades brasileiras não implicou em paridade no acesso a todas as áreas do conhecimento (ALVES; BELTRÃO, 2004).

Nesse sentido, há indícios de que a divisão sexual do trabalho se repete no cenário acadêmico, pois, apesar das universidades possuírem maior percentual de mulheres do que homens atualmente, pode haver desigualdade em áreas específicas ainda. As Engenharias, por exemplo, ainda são campos mais relutantes no que tange a participação das mulheres, como apontam Carvalho (2008) e Lombardi (2006).

A produção acadêmica sobre a presença de mulheres em cursos ditos masculinos gira em torno dos cursos de ciências exatas. Tendo em vista que a Universidade Federal de Viçosa é uma instituição na qual os cursos de agrárias possuem grande renome é fundamental que se analise esta área, pois, como demonstrado no trabalho de Cabral e Bazzo (2005) as Ciências Agrárias também são um campo de atuação masculino.

Diante do exposto e considerando a escassa produção sobre a divisão sexual do trabalho nas Ciências Agrárias, o objetivo deste trabalho é analisar como essa desigualdade se manifesta nos cursos de graduação em Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa. Os objetivos específicos são: analisar o perfil de estudantes dos cursos com maioria de estudantes do sexo masculino da graduação em Ciências Agrárias, considerando variáveis como sexo, idade, renda, raça/cor, ano de ingresso e conclusão do curso; compreender as motivações das mulheres que buscam formação nas áreas que são caracterizadas enquanto masculinas nas agrárias; identificar os

principais problemas encontrados pelos (as) estudantes em se relacionar com colegas, professores (as) e profissionais da área; mapear e relacionar os possíveis empecilhos encontrados pelos (as) estudantes durante sua graduação; analisar o impacto de possíveis barreiras encontradas durante a graduação no planejamento de carreira de estudantes.

Diante do exposto, o capítulo um do trabalho apresenta uma revisão da literatura que discute a divisão sexual do trabalho e o acesso das mulheres no ensino superior. O quadro apresentado neste capítulo retrata tanto princípios teóricos sobre a divisão sexual do trabalho, como expõe às experiências de alunas e profissionais que atuam em áreas que são denominadas enquanto masculinas. Além disso, demonstra que há uma escassez em análises mais detalhadas de mulheres optam por atuar nas ciências agrárias, apesar desta ser ressaltada, assim como às ciências exatas, enquanto uma área reconhecida enquanto masculina.

O segundo capítulo apresenta a metodologia que orientou a realização da pesquisa e análise de dados realizado no terceiro capítulo.

Visto o que foi ressaltado na literatura e considerando a história da UFV, que é referência nos cursos de agrárias em todo o país e, até mesmo, internacionalmente, o capítulo três tem como objetivo analisar os dados da instituição para verificar se o cenário destacado na análise da bibliografia referente à quais áreas possuem maior proporção de estudantes do sexo masculino também são os mesmo da UFV. Feito isso, o recorte proposto focou em uma análise dos cursos de agrárias que possuem, em média geral, considerando os ingressantes de 2000 a 2016, menos de 40% de estudantes do sexo feminino, sendo estes os de Agronomia, Engenharia Agrícola e Ambiental e Engenharia Florestal.

Também foram realizadas entrevistas com estudantes dos cursos selecionados dentro do CCA. Tendo em vista as entrevistas realizadas, pude perceber como o machismo se manifesta durante a graduação e como a divisão sexual do trabalho influencia nas experiências dos estudantes de graduação.

Nas considerações finais, destaco a contribuição deste trabalho, visto que, além de fazer parte de um campo pouco explorado, nos demonstra como a divisão sexual do trabalho antecede o próprio mercado, e os mecanismos informais que naturalizam o papel da mulher nestas áreas e como ele se manifesta. Também apresento as limitações da pesquisa.

2. Capítulo 1: Os reflexos da divisão sexual do trabalho no Ensino Superior

A divisão sexual do trabalho se organiza a partir da relação social entre os sexos e tem como característica dois princípios: o de separação, que diferencia trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; e o de hierarquização, que indica que o trabalho dos homens “vale” mais que o das mulheres (HIRATA; KÉRGOAT, 2007). A separação e hierarquização de tarefas masculinas e femininas se relaciona, ainda, com a separação entre público e privado.

Nesse sentido, é importante explicitar que a separação das esferas de atuação masculina e feminina significa que o domínio público era exclusivo dos homens, enquanto as mulheres eram designadas a cumprir atividades do lar, fixadas na esfera privada. Como afirma Pateman (2013), a dicotomia entre o público e o privado é mais do que a distinção entre dois tipos de atividades, é uma forma indireta de se naturalizar a submissão da mulher ao homem, pois, assim, assume-se que a concepção liberal de indivíduo concerne à vida dos homens que necessitam de uma esfera para exercer seus direitos e garantir sua realização pessoal. Para a mulher caberia o papel de garantir a funcionalidade do lar, parte da esfera privada, em que, como levantado por Kérigoat (2000), as atividades desta não se voltavam à satisfação da mulher em si, e sim dos outros.

A partir desta perspectiva, é importante ressaltar que, como demonstrado por Moncorvo (2008), apesar de a esfera privada ser um “espaço feminino”, o poder do homem, também neste espaço, sobressaia ao da mulher, o que já nos demonstra que a relação de hierarquia entre os sexos parte desde a esfera de sociabilidade inicial, que é a família, e que não é dependente exclusivamente do espaço no qual se está inserido. Além disso, a atuação do homem na esfera pública só se mantinha pois havia garantia da funcionalidade da esfera privada, logo, este não precisava se preocupar com afazeres do lar (SCOTT, 1990).

Uma justificativa para este fato, que era e é recorrente, se refere à biologia, usada para apontar que os corpos das mulheres as colocam mais

perto da natureza do que os homens e estes, por não terem que lidar com a criação dos filhos e tarefas domésticas, possuem espaço em sua vida para a cultura, que seria o mundo dos homens (PATEMAN, 2013). Castells (2000) mostra que essa autoridade do homem, refletida no lar, permeia toda a organização da sociedade.

A reflexão sobre o fenômeno da divisão sexual do trabalho se desdobrou em duas dimensões: a primeira reclamava sobre essa naturalização da atividade doméstica enquanto uma obrigação da mulher, e a segunda voltava-se para o fato do trabalho doméstico não ser visto e nem reconhecido enquanto trabalho (HIRATA; KÉRGOAT. 2007). Esta mobilização gerou uma nova perspectiva, que tinha como objetivo equiparar o trabalho doméstico (ou reprodutivo) ao trabalho profissional (ou produtivo). Hirata e Kér goat (2007) trazem uma nova articulação para se pensar a divisão sexual do trabalho, que concerne em analisar a relação social entre os homens e mulheres para explicar como este conceito se introduz na esfera do trabalho.

Além desta segregação no mercado de trabalho, devemos analisar a divisão sexual no ensino, pois esta influencia a configuração do primeiro.

A conquista do acesso à educação poderia ter sido uma ferramenta fundamental para que a divisão sexual do trabalho se implodisse já que, considerando que o acesso estava “livre” ao ensino superior, o (a) profissional se destacaria por sua competência dentro da área e não mais por seu sexo. Como apontam Alves e Beltrão (2004),

“Para efeito do nosso estudo, é importante destacar que somente em 1961, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB –, foi garantida equivalência de todos os cursos de grau médio, abrindo a possibilidade para as mulheres que faziam magistério de disputar os vestibulares. Portanto, foi a partir dos anos 1960 que as mulheres brasileiras tiveram maiores chances de ingressar na universidade, e foi nos anos 1970 que começou a reversão do hiato de gênero no ensino superior.” (ALVES; BELTRÃO, 2004, p. 130).

Entretanto, ainda que o hiato de gênero tenha se revertido, quando analisamos os cursos da graduação percebemos que há áreas femininas e masculinas. Assim, apesar das mulheres terem se inserido em grande escala

no meio acadêmico ao longo dos anos, as áreas de atuação continuaram demarcadas, separadas e hierarquizadas.

Historicamente, as áreas que são de predomínio feminino são a de Ciências Humanas, principalmente os cursos de Letras e Pedagogia, e as Ciências Biológicas, com ênfase em profissões relacionadas à saúde, como enfermagem, atividades tradicionalmente relacionadas ao cuidado e menos valorizadas financeiramente (CABRAL; BAZZO, 2005; BRUSCHINI, 2007). Apesar da maior plasticidade apresentada na divisão sexual do trabalho, que se reconfigura ao longo do tempo (HIRATA; KÉRGOAT, 2007), podemos perceber que há uma persistência da desigualdade (CABRAL; BAZZO, 2005; CARVALHO, 2007; LOMBARDI, 2006; BRUSCHINI, 2007).

Porém, houve um aumento da participação das mulheres, mesmo que baixo, nas carreiras tradicionalmente masculinas (CABRAL; BAZZO, 2005; LOMBARDI, 2006). Especificamente nos cursos de Engenharias, ocorreu maior ingresso das mulheres durante a democratização do ensino superior, que se acelerou a partir de 1990, quando houve uma expansão de oferta dos cursos de engenharias, especialmente nos setores privados (LOMBARDI, 2006). Além disso, Lombardi (2006) destacou que, juntamente a este aumento, houve um processo de ramificação das Engenharias, surgindo novos cursos com novas especificações, o que levou à maior mobilidade entre as áreas, principalmente para as mulheres. Apesar disso, a Engenharia ainda é um dos campos mais masculinos (CARVALHO, 2008; LOMBARDI, 2006), e a maior inserção das mulheres nessa área não foi linear, já que ainda há hierarquias dentro da própria área (KOCHEN, 2001 apud CABRAL; BAZZO, 2005).

No âmbito acadêmico, podemos perceber uma coerção por parte dos estudantes do sexo masculino, como mostra o trabalho de Carvalho (2007), que tem como base entrevistas realizadas pelo GeTec da UTFPR (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná) com estudantes do sexo feminino e masculino da instituição na qual está inserido, e também com profissionais da Engenharia de ambos os sexos, formados (as) na instituição e que estão inseridos (as) no mercado de trabalho. Por um lado, alguns estudantes do sexo masculino,

apesar de apresentarem notas inferiores às das estudantes, consideravam-se assegurados no mercado de trabalho devido ao seu sexo, como aparece em algumas entrevistas. Por outro lado, as estudantes destacam que deviam a todo instante provar o seu conhecimento e domínio da área, para se auto-afirmarem como capazes diante dos rapazes.

Outro estigma que é demonstrado no trabalho de Carvalho (2007) é o fato de a sexualidade ser associada às conquistas na carreira, ou seja, esse se daria, no caso das mulheres, por elas serem mulheres e sua “feminilidade” ter sido utilizada como um recurso. Pinto e Amorim (2015) analisam a experiência de ex-alunas do curso de Física do IES (Instituto de Ensino Superior) Federal, que destacam a existência de coerção por parte dos colegas do sexo masculino e os comatários machistas de professores e, principalmente, situações de assédio por parte destes.

Diante disso, muitas mulheres acabam por tomar características e posturas ditas masculinas, tanto no meio acadêmico quanto no mercado de trabalho, por considerarem que essa é uma forma de se adquirir maior respeito e um meio de facilitar sua inserção e ascensão no mercado (CARVALHO 2007; LOMBARDI, 2006).

Carvalho (2007) identifica que existe um estigma no momento em que as estudantes procuram por estágios e projetos e, independentemente de seu desempenho acadêmico, muitos empregadores preferem selecionar pessoas do sexo masculino. Uma das entrevistadas por Carvalho (2007) cita que tentou vários estágios no setor de obras da Engenharia Civil e acabou desistindo pela resistência de contratantes, o que a levou a optar por fazer mestrado e considerar a vida acadêmica como a melhor opção para seu futuro profissional.

Um fator que é apresentado como barreira, seja para as estudantes que buscam por estágio quanto para as profissionais, são as condições do local de trabalho. Dessa forma, atividades realizadas em campo, como obras, implicam em desafios, como por exemplo, a inexistência de sanitários femininos, os meios de acesso a essas áreas e ações que exijam a força física. Lombardi (2006) mostra que, estas questões, se melhoradas, tornariam tais setores viáveis tanto para homens quanto para mulheres. Porém, a autora também

destaca que a recusa em adaptar ou adequar o local de trabalho é uma forma de resistência ao acesso das mulheres a esses setores.

Na Área das Agrárias, os estudos sobre o tema são escassos. Porém, um artigo da revista *Globo Rural*, publicado no Dia Internacional da Mulher, como forma de homenagem, destaca que, apesar das mulheres terem se inserido no meio rural, seja como profissionais formadas quanto como empreendedoras sem formação acadêmica, ainda há muita opressão e resistência em aceitá-las (ALENCAR; GALERA, 2016). Nesse artigo, uma das entrevistadas fala sobre sua experiência acadêmica e destaca que foi muito difícil devido ao seu sexo, pois a turma era majoritariamente masculina. Destaca, também, que nas falas das pessoas que a julgavam, reproduzia-se o argumento de que o trabalho no meio rural exigia força braçal, por isso não seria adequado para mulheres. Entretanto, a entrevistada destaca que isso é um mito, tendo em vista os avanços tecnológicos. Esse depoimento reforça o argumento de Lombardi (2005), sobre as precariedades serem formas de resistências para o acesso das mulheres a essas áreas.

As análises apresentadas indicam que a divisão sexual do trabalho se manifesta também no espaço acadêmico, que conforma uma etapa que é anterior à inserção no mercado de trabalho. As mulheres que optam por áreas tradicionalmente masculinas encontram barreiras com os futuros colegas do sexo masculino que já possuem uma imagem inferiorizada da atuação da mulher na área, com os possíveis clientes e chefes, que mostram relutância em dar espaço para que elas adquiram experiência enquanto estagiárias ou voluntárias, e no próprio ambiente de trabalho que não é adequado e nem busca se adaptar para que mulheres o frequentem. Esse contexto impacta diretamente as escolhas e projetos futuros das estudantes de graduação e naturaliza um tipo ideal de profissional associado a características que são historicamente reconhecidas como masculinas.

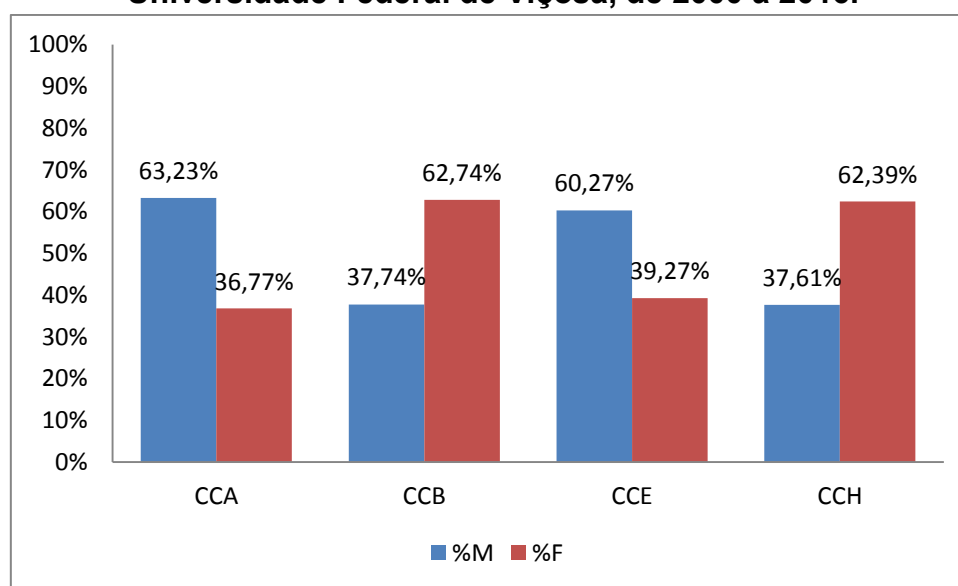
Com base na revisão da literatura, a hipótese deste trabalho é de que existe divisão sexual do trabalho nas Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa. Nesse sentido, o próximo capítulo apresentará as etapas da pesquisa desenvolvida a fim de verificar se essa hipótese se sustenta.

3. Capítulo 2: Metodologia

O presente trabalho de conclusão de curso analisa se há e como se manifesta a divisão sexual do trabalho nos cursos de Agronomia, Engenharia Agrícola e Ambiental, e Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa, conforme mencionado anteriormente. Para testar a hipótese que orientou a investigação, organizei a pesquisa empírica em duas etapas: a primeira delas se voltou à análise de dados quantitativos, fornecidos pelo Registro Escolar da instituição, relativos ao número de ingressantes e concluintes nos cursos de graduação, dos anos 2000 até o primeiro período letivo do ano de 2016, desagregado por sexo e curso. A segunda teve como foco a realização de entrevistas com estudantes de alguns cursos selecionados com base nos dados analisados na etapa anterior.

A instituição se organiza em Centros de Ciências, sendo estes: Centro de Ciências Agrárias (CCA); Centro de Ciências Biológicas (CCB); Centro de Ciências Exatas (CCE); e o Centro de Ciências Humanas (CCH). Os dados nos mostram que o CCA e o CCE são os centros com maior percentual de ingressantes do sexo masculino, enquanto no CCB e no CCH são maioria estudantes do sexo feminino:

GRÁFICO I: Média de estudantes por sexo e por Centro de Ciências da Universidade Federal de Viçosa, de 2000 a 2016.



%M: porcentagem de homens; %F: porcentagem de mulheres.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados do Registro Escolar da Universidade Federal de Viçosa.

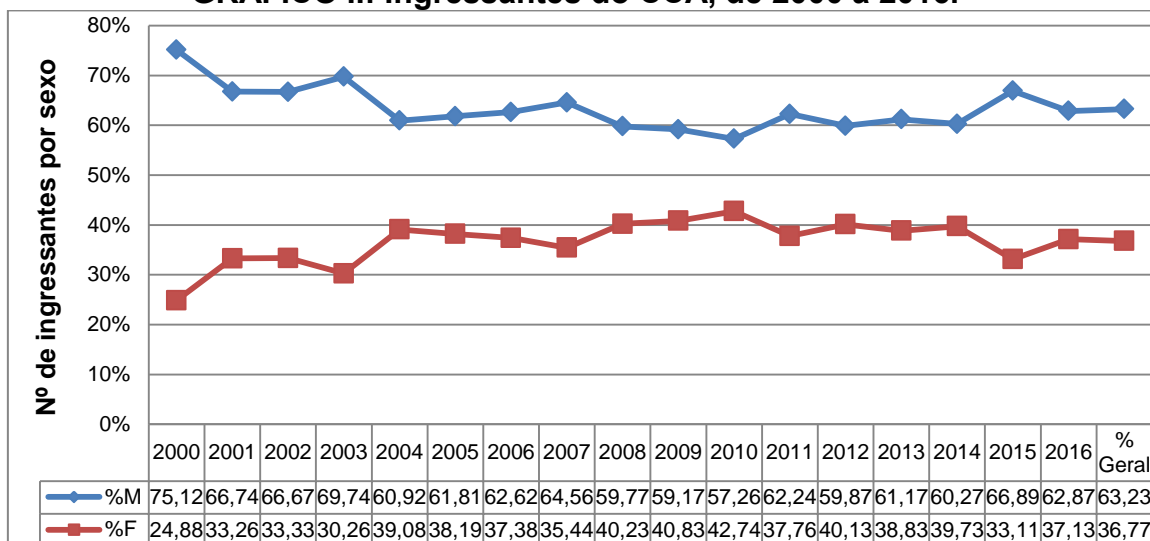
Os dados acima refletem o cenário das universidades brasileiras, em que há uma espécie de “guetização” por sexo/gênero (ROSEMBERG, 2001; 2002). Diante do exposto nos gráficos e a proposta inicial deste trabalho, considereirei que o CCA e o CCE seriam o foco da análise. Porém, algumas considerações foram feitas antes de se definir o recorte final para que pudesse avançar para a análise propriamente dita.

Na UFV, o Centro de Ciências Agrárias é o mais antigo da instituição se considerarmos que, inicialmente, esta foi criada como ESAV (Escola Superior de Agricultura e Veterinária), devido ao Decreto 6.053, do dia 30 de março de 1922, do p Artur da Silva Bernardes. A ESAV foi inaugurada no dia 28 de agosto de 1926. O primeiro curso superior da instituição foi então nomeado Curso de Agrárias, no ano de 1928. Em 1948, o Governo de Minas Gerais transformou a instituição em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) e no ano de 1969, o governo federal decretou sua federalização, com o nome Universidade Federal de Viçosa.

Outro fator que é importante destacar é que a produção teórica referente à divisão sexual do trabalho gira em torno da Área de Exatas, com ênfase nas primeiras Engenharias existentes. Apesar de muitos trabalhos levantarem dados que demonstram que a Área de Agrárias é de predomínio masculino, seja na vida acadêmica ou porfissional, não há um aprofundamento que busque compreender as experiências das mulheres que optam por atuar nesta área e as possíveis justificativas para esta maior concentração de homens. Considerando o exposto, uma análise mais detalhada a respeito dos cursos de graduação em Ciências Agrárias se mostra de grande importância, dado o contexto a UFV e a concentração da produção sobre o tema na análise dos cursos de Exatas.

Nesse sentido, identifiquei que o CCA é o centro com maior percentual de ingressantes do sexo masculino de toda a instituição. O Gráfico II demonstra que, apesar de o percentual de mulheres no centro ter aumentado ao longo dos anos, foram em poucos momentos que elas representaram mais de 40% de ingressantes, sendo o ápice no ano de 2010, em que o percentual de estudantes do sexo feminino representa 42,74%.

GRÁFICO II: Ingressantes do CCA, de 2000 a 2016.



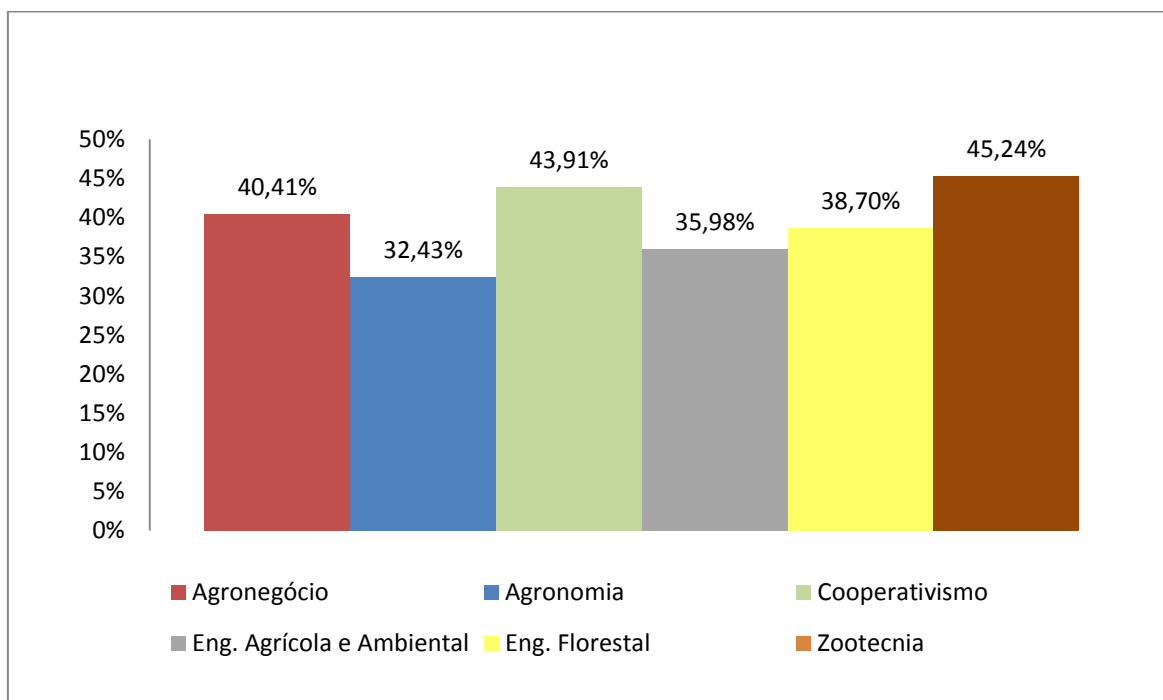
%M: porcentagem de homens; %F: porcentagem de mulheres.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados do Registro Escolar da Universidade Federal de Viçosa.

O CCA é composto por seis cursos de graduação: Agronegócio; Agronomia; Cooperativismo; Engenharia Agrícola e Ambiental; Engenharia Florestal e Zootecnia. Analisando as proporções desagregadas por sexo de cada um dos cursos, podemos perceber, no Gráfico III, que em nenhum deles o percentual de mulheres é superior ao de homens. Porém, há maior concentração, acima de 40% das ingressantes, nos cursos de Agronegócio, Cooperativismo e Zootecnia¹.

¹É importante destacar que os cursos de Agronegócio teve sua criação recentemente na instituição, no ano de 2013 e o de Cooperativismo, iniciou com a nomenclatura de Gestão de Cooperativas em 2001 e em 2009 passou ao nome atual, com o mesmo código do curso anterior.

GRÁFICO III: % Geral de Mulheres por Curso do CCA



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados do Registro Escolar da Universidade Federal de Viçosa.

Os cursos de Agronegócio e Cooperativismo são novas ramificações da Área de Agrárias e o trabalho desempenhado nestes são geralmente realizados em escritórios, com ênfase em processos de negociação. Este fator pode ser um dos determinantes para as ingressantes terem optado por estas graduações, uma vez que, como destacado no trabalho de Lombardi (2006) as mulheres tendem a estarem mais presentes, nas áreas ditas masculinas, em trabalhos que não são realizados no campo. Referente aos cursos em que mulheres representam percentual inferior a 40% estão os cursos de Agronomia, um dos mais tradicionais da instituição, o de Engenharia Agrícola e Ambiental e de Engenharia Florestal.

Diante desse quadro, a segunda parte da pesquisa, que tem como foco entrevistas, foi realizada com estudantes vinculados (as) a esses cursos. Assim, a segunda etapa do trabalho consistiu em realizar entrevistas semiestruturadas (ANEXO II). As perguntas se voltaram à compreensão da relação de estudantes com: a instituição; o corpo discente; o corpo docente; as disciplinas; atividades extracurriculares; e perspectivas do (a) profissional da área.

O método de seleção de (as) entrevistados foi baseado no conceito da “bola de neve”, como apresentado por Minayo (1992), que consiste em convidar participantes por meio de indicações de pessoas previamente entrevistadas. A mediação por parte de pessoas conhecidas gera maior confiança no trabalho e disponibilidade em ajudar.

Sendo assim, foram entrevistados (as) quatorze estudantes, sendo seis do curso de agronomia (três do sexo feminino e três do sexo masculino), quatro da engenharia agrícola e ambiental e quatro da engenharia florestal (duas do sexo feminino e duas do masculino de cada um dos cursos). Não houve em nenhum momento recusa em participar da entrevista e todos (as) contribuíram para a pesquisa assinando o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (ANEXO I) ².

Por fim, as entrevistas foram realizadas entre os dias 1 e 8 de novembro de 2016, na Universidade, pois foi mais fácil conciliar os horários e até mesmo deixar os (as) entrevistados (as) mais à vontade, por conhecerem o espaço no qual foram realizadas as entrevistas.

Assim, o próximo capítulo tem como objetivo analisar detalhadamente os dados, conciliando os resultados com a revisão de literatura e as novas perspectivas que surgiram durante a realização deste trabalho.

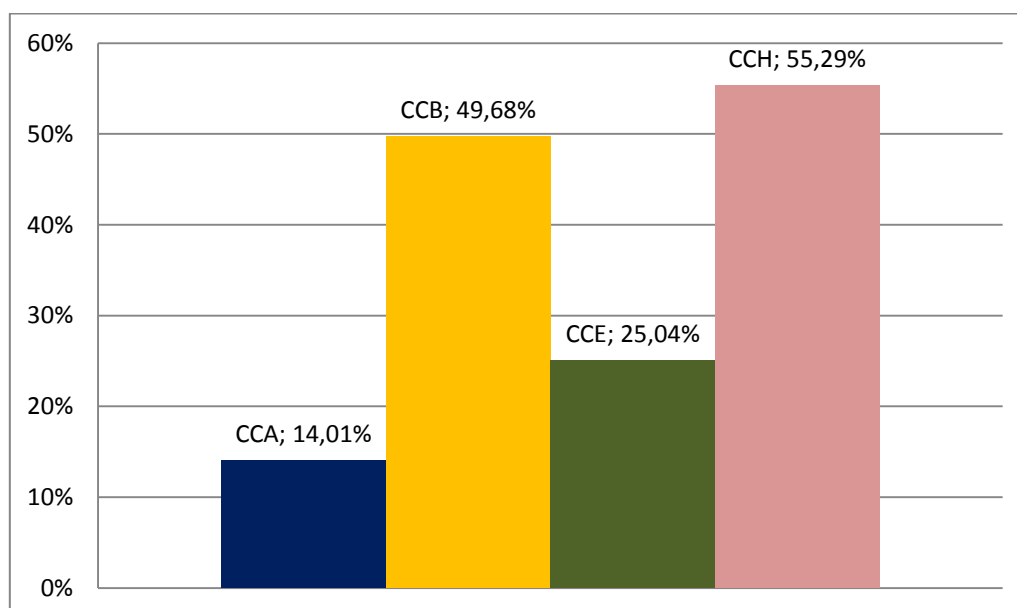
² Elaborado com base nas exigências do Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos da UFV.

4. Capítulo 3: Tradicionalismo e Resistência nas Ciências Agrárias da UFV

Como apresentado anteriormente, o CCA detém maior proporção de estudantes do sexo masculino da Universidade Federal de Viçosa. Uma das hipóteses para essa configuração é o conservadorismo da Área de Agrárias com relação às especializações. Os cursos mais novos do CCA e a ramificação das especializações das Agrárias, que são os de Cooperativismo e Agronegócio, foram instaurados na instituição muito depois dos que correspondem às ramificações do CCE. Segundo Lombardi (2006, p. 181) as novas ramificações das engenharias foram importantes porque esta mudança “incidiu especialmente sobre as opções femininas que, até meados dos anos 90 encontravam-se mais concentradas nas Engenharias Civil e Química”, lembrando que era baixa a proporção.

Porém, não é apenas com relação a estudantes da graduação, o próprio corpo docente reflete este ambiente enquanto masculino. No Gráfico IV, podemos perceber, além disso, que os CCB e o CCH, apesar de serem centros em que a maioria dos estudantes é do sexo feminino, o corpo docente se apresenta de forma muito mais equilibrada no que se refere ao sexo de docentes.

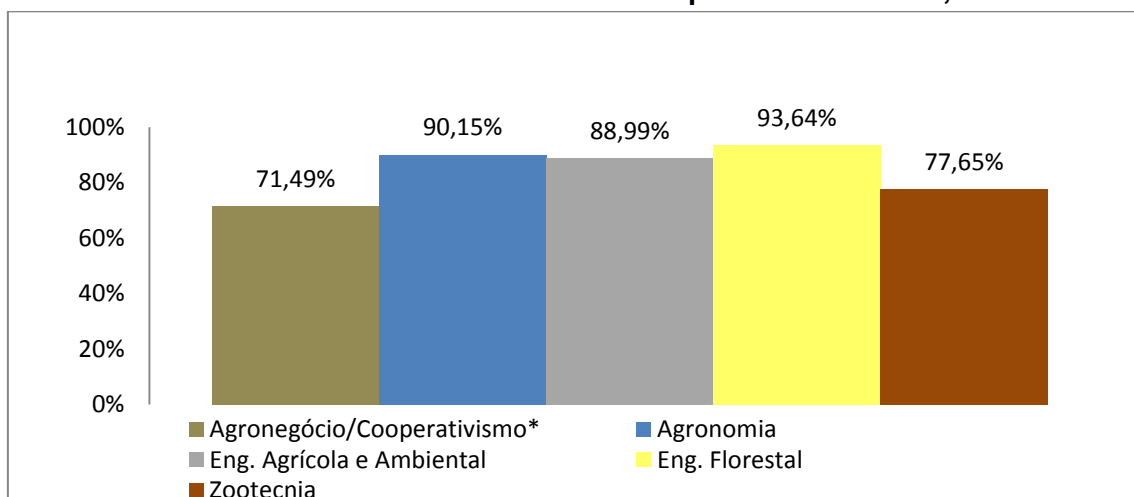
GRÁFICO IV: Média Percentual de Professoras por Centro de Ciências, de 2006 a 2015.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados do Registro Escolar da Universidade Federal de Viçosa.

Além deste fator, outro dado que é importante destacar, além de o CCA possuir o menor percentual de docentes do sexo feminino, a maioria dos docentes do sexo masculino se concentra exatamente nos cursos selecionados para a realização da pesquisa, sendo o de maior proporção o curso de Engenharia Florestal, seguido do de Agronomia e Engenharia Agrícola e Ambiental respectivamente.

GRÁFICO V: Média Percentual de Professores por Curso do CCA, 2006 a 2015.



* Estes dados foram obtidos por departamento. Logo, a compilação do curso de agronegócio e cooperativismo se dá pelo fato de fazerem parte do mesmo departamento.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados do Registro Escolar da Universidade Federal de Viçosa.

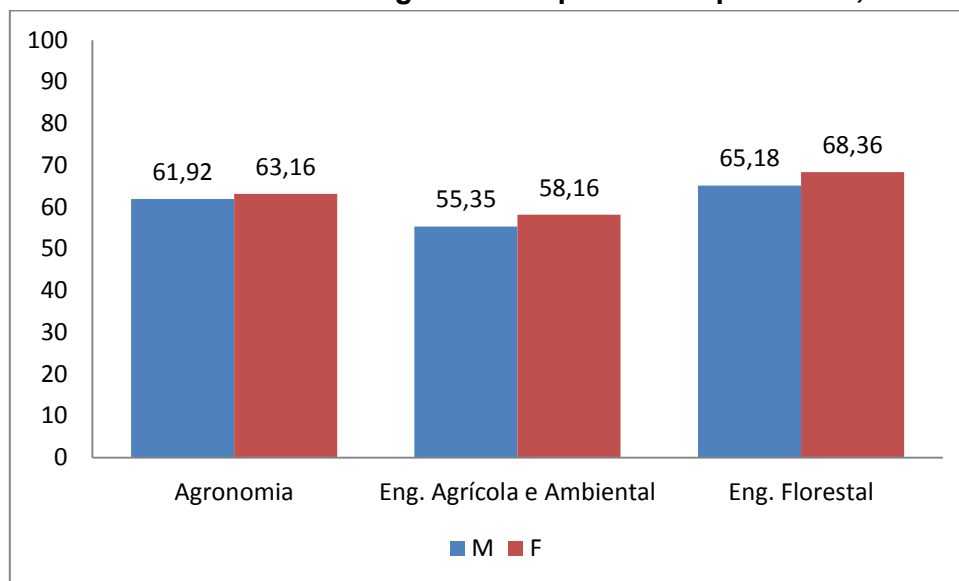
Outro questionamento que podemos fazer a partir dos dados é devido ao fato de a docência ser uma profissão historicamente feminina. Porém, quando analisamos o ensino superior, os homens são maioria, como é destacado no trabalho de Bazzo e Cabral (2005), que demonstram que principalmente em cargos de destaque ou referência, ainda há baixa participação percentual de mulheres.

Outro dado importante diz respeito ao desempenho acadêmico de estudantes. O Coeficiente de Rendimento Acumulado (CRA)³ médio das estudantes, tanto ingressantes como concluintes, é maior que dos estudantes. Apesar de não ser uma diferença muito grande, os dados apresentados nos Gráficos VI e VII indicam que a desigualdade com relação à presença de

³ O Coeficiente de Rendimento Acumulado é obtido pela média ponderada dos números de créditos de todas as disciplinas cursadas pelo estudante.

estudantes do sexo feminino não se dá por questões cognitivas, mas sim devido a relações e estruturas sociais.

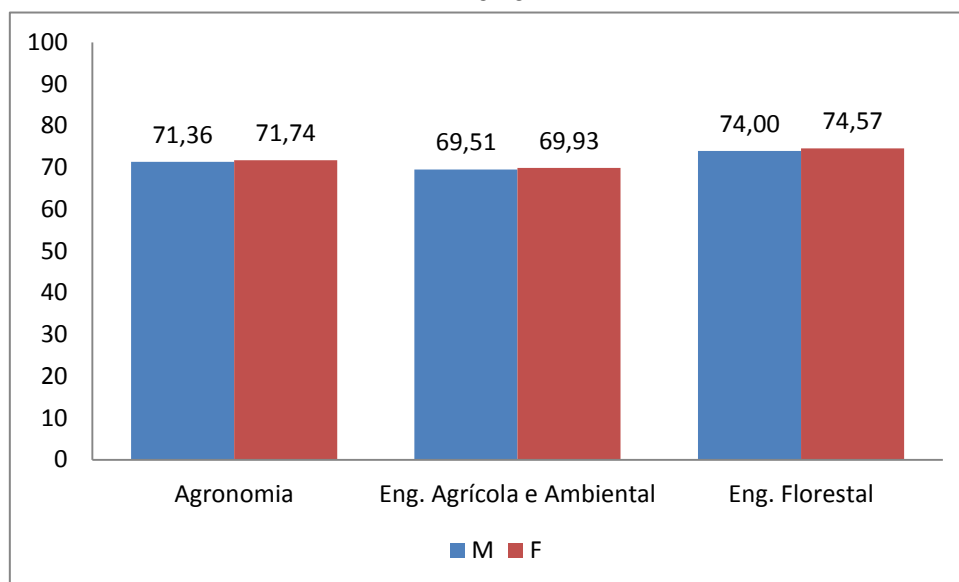
GRÁFICO VI: CRA Médio de Ingressantes por Sexo e por Curso, 2000 a 2016



M: ingressantes do sexo masculino; F: ingressantes do sexo feminino.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados do Registro Escolar da Universidade Federal de Viçosa.

GRÁFICO VII: CRA Médio de Concluintes por Sexo e por Curso, 2000 a 2016



M: concluintes do sexo masculino; F: concluintes do sexo feminino

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados do Registro Escolar da Universidade Federal de Viçosa.

Observando estes dados, podemos retomar o que foi destacado no trabalho de Carvalho (2007), que com base em entrevistas realizadas com estudantes de Engenharia, destacou que as estudantes “tinham que provar o

tempo todo, não só para seus colegas, mas também para seus professores que tinham capacidade e competência” (CARVALHO, 2007. p.3).

Também não podemos desconsiderar o CRA médio superior das estudantes como uma forma de resistência dentro dos seus cursos. “Fiquei mais esperta desde quando eu entrei (no curso), porque eu não sabia que tinha coragem para fazer algum curso assim... onde a maioria dos alunos são homens.” (AgroF2).

Apenas com estes dados quantitativos, não podemos dizer quais mecanismos indiretos da divisão sexual do trabalho refletem no caso das alunas dos cursos selecionados da UFV. Porém, é importante observar que a desigualdade verificada nos dados apresentados acima também se manifesta com potencial de alteração na experiência de estudantes. Para tanto, realizei quatorze entrevistas que tiveram como foco analisar as experiências acadêmicas mais a fundo com estudantes de ambos os sexos dos cursos de Agronomia, Engenharia Agrícola e Ambiental e Engenharia Florestal, tendo em vista que são os com maior percentual de estudantes do sexo masculino.

Antes de aprofundar nas análises das entrevistas, é importante descrever o perfil de entrevistados (as). Como já citado, as entrevistas são anônimas. Para facilitar a análise, um código foi criado para falar de cada participante, sendo: estudantes do sexo masculino de Agronomia com o AgroM1, AgroM2 e AgroM3 e as do sexo feminino no mesmo curso AgroF1, AgroF2 e AgroF3; os de sexo masculino do curso de Engenharia Agrícola e Ambiental EaaM1 e EaaM2 e do sexo feminino EaaF1 e EaaF2; e os de sexo masculino do curso de Engenharia Florestal são representado pelos códigos de EfM1 e EfM2 e as de sexo feminino EfF1 e EfF2. A descrição de cada um segue no anexo do trabalho (ANEXO III).

Os (as) entrevistados (as) tem idade entre 20 e 24 anos, e as entrevistas foram realizados com estudantes que ingressaram na UFV até o ano de 2014. A maioria de entrevistados (as) são de Minas Gerais, contabilizando onze, sendo cinco da cidade de Viçosa, e, os (as) demais, duas pessoas do Espírito Santo e uma do Pará. Com relação à raça/cor, duas pessoas se reconhecem enquanto negras, cinco como pardas, e sete como brancas. Esses dados

personais foram coincidentes, não houve um planejamento prévio para seleção tendo como base estes fatores, exceto o ano de ingresso na instituição, já que procurei entrevistar estudantes com pelo menos dois anos e meio de graduação.

De forma geral, os (as) entrevistados (as) possuem considerações para fazer sobre o departamento, atividades e professores. Porém, as demandas variam de acordo com o curso e o sexo. Sobre a instituição, todos citaram o fato de ser referência na Área de Agrárias como fator motivacional na hora de escolher o curso. Com relação ao processo de socialização ao entrar no curso, ninguém mencionou o fato do sexo como importante. Nos casos positivos de entrosamento, muitos (as) falaram sobre a união da turma e, no caso contrário, destacaram o fato de serem tímidos (as) ou não participar das festas organizadas pela turma.

Apesar de o sexo não ter aparecido como importante em um primeiro momento referente à formação de amizade com os (as) colegas de classe, no momento em que foram questionados sobre o sexo da maioria dos (as) colegas mais próximos (as), seis, de sete entrevistados destacaram preferir ter amizade com homens e falaram que essa preferência ocorre devido à afinidade de assuntos e destacaram o fator “futebol” para justificar:

“Tenho mais amigos, por que é comum os homens terem mais amigos e as mulheres mais amigas. Geralmente os homens vão sair, saem com os amigos e o contrário também. Pra jogar futebol também... Mas tenho várias amigas, só que as atividades são mais relacionadas com os amigos.” (AgroM1).

“Tenho mais afinidade com os meninos, e no meu caso ainda tenho mais com os meus calouros... A afinidade é por convivência, pensar as mesmas coisas... futebol também ajuda muito este contato. Mas com as meninas é tranquilo só que tenho mais amizade com os meninos.” (EaaM2).

“Tenho mais dificuldade em me relacionar com meninas. Por questões de assunto... eu gosto muito de futebol e eu já sou uma pessoa por natureza mais fechada. Eu consigo conversar com meninas, mas tenho mais facilidade com os meninos por ter mais assunto em comum.” (EfM1).

Podemos perceber que, apesar de todos comentarem que não possuem problemas em estabelecer amizade com "meninas", eles as excluem da

atividade destacada, que é o futebol. Mesmo que citem que não há problema alguma mulher gostar, não dizem, também, que há alguma que participe deste tipo de atividade com eles e utilizam da atividade para justificar o nicho de amizades com homens.

No que concerne às respostas das estudantes referente às amizades, temos um cenário totalmente diferente. Todas as entrevistadas do curso de Engenharia Agrícola e Ambiental falam que é “meio-a-meio”, não há tanta diferença no nicho de amigos do curso. Já duas da Agronomia e as de Engenharia Florestal destacam que preferem ter amizade com homens e justificam a preferência devido às “manias de mulheres”:

“Não tenho problema com amigos ou amigas, mas eu prefiro os homens. Para entrosar eu acho mais fácil... eu tenho mais amizade com homem. Mulher é mais cismada. Mulher em si, eu acho que a natureza da mulher, tem aquela coisa de fofoca, de olhar e falar. Eu já não gosto disso, homem é mais largado mais aberto.” (AgroF3).

“Eu acho que prefiro meninos mais por vivência, a minha experiência... Nós que somos mulheres sabemos que temos mais frescuras, que somos mais desconfiadas. E os homens são mais maleáveis. (EfF1).

Um dado interessante retirado de uma entrevista, também, é referente à única estudante de Agronomia que destacou a preferência em ter amizades com mulheres: “Tenho mais amizade com mulher talvez por afinidade, não sei... E talvez por eu ter namorado e às vezes ele fica com ciúmes.” (AgroF2).

A partir destas falas, a reflexão de Carvalho (2007) sobre a postura que muitas estudantes costumam tomar para socializar quando fazem parte de cursos que possuem sua maioria de homens se mostra presente para os casos analisados na UFV, uma vez que os entrevistados ressaltam sua preferência por amizade com homens, destacando ainda assim uma atividade como referência e, também, quando as entrevistadas preferem se relacionar com homens, reproduzindo em suas falas um distanciamento de certos estereótipos femininos, que elas reprovam.

Além disso, devemos nos atentar para a fala que reproduz o fato de ter mais amizades femininas, devido aos ciúmes do namorado. Este tipo de

situação, apesar de não se tratar de um vínculo estabelecido na instituição, como ela também destaca, gera impacto nesta e direciona as relações estabelecidas no curso e, muitas vezes, é naturalizado. Além disso, o depoimento pode indicar uma situação de violência, que também pode ser naturalizada.

A questão da postura também se manifesta quando as entrevistadas do curso de Agronomia são convidadas a falarem sobre a postura de um tipo ideal do profissional da área. Todas elas, entre diversas características como proatividade, respeito e gostar do que faz, destacam a necessidade de se ter uma postura de seriedade, que, nas falas, elas atrelam ao autocontrole do sentimentalismo que seria uma característica feminina:

“Eu acho que tem que ter firmeza e mostrar que você tá ali, que você tá sabendo do que você tá falando, tipo assim não deixar transparecer que é uma mulher. Porque mulher é mais assim sensível mesmo, mas eu acho que você tem que falar firme mesmo mostrar que tá ali, mostrar serviço.” (AgroF3).

Esta fala é reflexo claro da estereotipação da mulher pelas próprias mulheres, uma vez que ela, além de retratar a sensibilidade como uma característica feminina, o que ela considera um aspecto negativo, também aponta o sucesso e eficiência na carreira com a percepção de que ser mulher não basta e isto deve ser invisibilizado, tomando posturas que são designadas a estereótipos masculinos. O fato de a entrevistada achar ideal ter determinada postura não é o problema em si. Porém, quando ela cita a necessidade de não se mostrar enquanto mulher, ela reproduz uma postura machista que é muito presente em nossa sociedade, e que utiliza deste argumento para afastar as mulheres de atuarem em determinadas áreas. Este é um processo de naturalização das mulheres da própria divisão sexual do trabalho.

Outra entrevistada levanta outra postura que permeia nossa sociedade, quando ela ressalta que a família não apoiou sua escolha de curso, por ser uma carreira masculina: “quando eu entrei (no curso) a minha tia veio falar que não era para fazer isso porque era curso de homem. E uma mulher não teria chance num curso que só tinha homem.” (AgroF2). Podemos perceber um dos dois elementos destacados por Hirata e Kérgeat (2007), que é o de separação,

que segrega as atividades de acordo com o sexo e, como podemos perceber na fala, permeia não só o mercado, mas a própria esfera básica de socialização, que é a família.

Com relação aos professores dos departamentos, foram apresentadas situações diferentes. Apesar de entrevistadas de todos os cursos terem reportado o fato de alguns professores do sexo masculino terem posturas machistas, apenas as estudantes da Agronomia relataram ter vivenciado este tipo de situação. As entrevistadas da Engenharia Agrícola e Ambiental, apesar de não ter vivenciado nenhuma situação, dizem que outras colegas já relataram este tipo de experiência. No caso da Engenharia Florestal, mesmo que não tenha vivenciado, uma estudante citou ter conhecimento de professores se comportando de forma indevida em sala de aula:

“Admiro as professoras do departamento de Fitotecnia. Elas são mulheres, e querendo ou não na Agronomia você vê que tem certa rejeição por mulher... por ser mulher, por trabalhar no campo. Tem alguns professores que já ouvi falando ‘Ah... vocês só estão aqui pra pegar os cowboys ricos!’. O professor já falou isso, super machista. Acho que tem muito preconceito ainda, e no campo também.” (AgroF3).

“Já fiquei sabendo de algumas situações de conhecido, de discussão mesmo... de um professor que não dá mais aula pra Engenharia Florestal, só para a Agronomia, mas diziam que ele dava em cima das alunas. Mas isso é o que me disseram.” (EfF1).

Estas informações demonstram a resistência da área em aceitar que as mulheres atuem nesta, mesmo que não haja nenhuma lei que proíba. É uma forma de essencialização da mulher e que reflete posicionamentos extremamente patriarcais, que associam a mulher à esfera privada, do lar (CARVALHO, 2007). Além disso, como na primeira fala citada, a mulher é retratada como interesseira e dependente do homem e, como observado no trabalho de Pinto e Amorim (2015, p.10) “piadas desse tipo mostram como nossa cultura é machista e não reconhece o sucesso intelectual das mulheres, sobretudo num campo de conhecimento masculino.”.

Com relação ao segundo trecho citado, mesmo que não seja uma experiência da própria entrevistada, nos deparamos com uma situação bastante delicada, que é a presença do assédio em sala de aula, que muitas vezes é invisibilizado pela instituição e, além disso, “geralmente fica

encoberto, pois as mulheres sentem vergonha ou não têm coragem de denunciar o agressor, que geralmente é alguém próximo. (BRASIL, 2013 apud PINTO; AMORIM 2015, p. 10)”.

Ainda sobre os professores, é importante citar que, no caso dos de Engenharia Florestal, todos os entrevistados, de ambos os sexos, falaram que os novos professores do departamento são fáceis de lidar e possuem a “cabeça aberta” para se relacionar com qualquer estudante.

No caso das estudantes de Engenharia Agrícola e Ambiental, todas citaram ter sofrido dificuldade nos estágios, geralmente questões relacionadas a esforço físico ou a presença de muitos homens, o que levou à proibição de participação delas. Os estudantes também citaram que há uma maior dificuldade para as estudantes nos estágios:

“Uma vez nós estávamos fazendo estágio e tinha um lugar que a gente não podia ir por que só tinha homem e ‘não era seguro eu estar lá’... eu não podia estar ali porque pra mim era ‘um risco’. E eu achei isso um absurdo. Por que eu não posso estar no meio de... sei lá, 100 homens e ser respeitada?! Não faz sentido! E você percebe que oportunidades acabam pelo fato de você ser mulher mesmo... e não é fácil não.” (EaaF1).

“Na maioria dos casos com quem você vai lidar no campo são homens e há um preconceito ainda do tipo ‘ah... uma mulher vai fazer uma retirada de solo aqui?’ Mas isso está melhorando” (EaaM2).

As oportunidades de estágio em algumas áreas principalmente em situações práticas (CARVALHO, 2007; LOMBARDI, 2006), e, no caso, o campo, são restritas e implicam até mesmo em exclusão das estudantes, como reforçam os depoimentos acima. Isso indica que a divisão sexual do trabalho possui caráter estrutural e não dizem respeito às preferências das estudantes por determinadas áreas. Ou ainda, pode-se dizer que essa configuração molda as preferências e escolhas feitas pelas estudantes.

Sobre um (a) profissional que os entrevistados tomariam como referência, quase todos citaram professores do sexo masculino, geralmente os que são orientadores de estágio. Além da admiração por professoras já citado, um entrevistado do curso de Agronomia trouxe a personalidade de uma prima como inspiração:

“tem uma prima minha que ela hoje trabalha no governo, e eu me inspiro muito nela porque ela sempre teve muitas dificuldades

financeiras... mas tem a questão de gênero também... tanto que eu acho que é por isso que ela buscou um trabalho na área pública. A nossa área é meio complicada. Se você é mulher tem que usar uma blusa mais fechada... Chegar em uma fazenda e... como um peão vai receber ordens de uma mulher?! A gente entende que não é fácil... e toda uma construção de um processo.” (AgroM2).

O fato de que o entrevistado destaca o trabalho dela e a motivação da sua escolha é discutido por Lombardi (2006), que, com base nas suas entrevistas, destaca a atuação das mulheres nas áreas públicas e empresárias, devido a uma maior facilidade de inserção.

Discutindo mais detalhadamente os dados das entrevistas expostos ao longo deste capítulo, o fato dos homens e mulheres entrevistadas destacarem a preferência por amizades masculinas não é um problema em si. Porém as justificativas se mostraram como formas de reprodução da separação dos sexos já que os meninos recorrem a uma atividade, no caso o futebol, para falar da preferência, uma atividade que é historicamente masculina, e, também, quando as entrevistadas ressaltam características ditas femininas como a fofoca, desconfiança e “frescuras” como aspectos ruins que influenciam a preferência por amizade com homens, por não ás terem. Outro caso foi a ressalva na justificativa para uma entrevistada ter mais amizades com mulheres, que se baseou no seu relacionamento de namoro e trouxe o ciúme como elemento principal.

Estes comentários muitas vezes são vistos, e podem ser de fato, inocentes. Mas eles demonstram impacto, mesmo que de forma inconsciente, pois reforça os estereótipos e as atividades que competem a cada um, mesmo em situações de lazer e esta reprodução manifesta e permeia nossa sociedade rotineiramente, o que pode dificultar a igualdade de gênero. Um exemplo disso está em uma das entrevistas, em que a estudante relatou não ter apoio da família, que considera o curso masculino, mesmo depois de sua aprovação neste. Com relação aos professores, nos deparamos com uma situação delicada, uma vez que eles estão dentro de uma instituição, são “rodeados” de novas informações e tecnologias e, mesmo assim, reproduzem conceitos machistas e tradicionais.

Estes elementos prejudicam a estima das estudantes e geram enormes desconfortos, tanto que as entrevistas reclamam por vivenciar estas situações e relatam a dificuldade de ser mulher atuando em áreas masculinas. Esses fatores podem fazer com que algumas estudantes desistam dos cursos (PINTO; AMORIM 2015). E, como já mencionado, as situações nem sempre chegam ao conhecimento da instituição e, quando chegam, são abafadas por uma preocupação com a imagem da mesma.

Além disso, a maioria dos (as) entrevistados (as) destacaram que não há diferenciação na postura entre os e as docentes. Isso pode indicar o que já foi destacado por Lombardi (2006): muitas vezes as profissionais precisam aderir a posturas ditas masculinas para conseguir respeito.

Com relação aos estágios, as dificuldades relatadas para poder participar dos que são ditos trabalho de campo é um elemento determinante e que pode direcionar a opção da carreira das estudantes, uma vez que elas não podem ter contato com a prática durante a graduação e muitas vezes as empresas empregadoras exigem certa experiência com o trabalho. Assim, as futuras profissionais podem acabar atuando em ambientes de escritórios, laboratórios e serviços públicos (LOMBARDI, 2006), assim como um dos entrevistados relatou sobre o caso de sua prima, que atua como servidora pública devido às dificuldades encontradas para atuar em outras áreas. Não que haja demérito em atuar nestas áreas, porém, muitas vezes, estas podem ser a única opção para a profissional.

Além disso, como já demonstrado, o CRA médio das estudantes, tanto no ano de ingresso quanto no ano de conclusão são próximos dos estudantes, são superiores, o que exclui os fatores de capacidade e mérito para a seleção. Este fato explicita que a preferência por estagiários são fundamentadas em conceitos machistas, desde o fato das mulheres não terem força para exercer funções no campo, até o de que é para a sua segurança. Isso limita o espaço de atuação e aprendizado das estudantes.

Todas estas considerações mostram mecanismos que passam despercebidos, mas que deixam suas “marcas”. Devemos nos atentar a estes, e, mesmo com o aumento de ingressantes e concluintes do sexo feminino nos

cursos estudados, estas atitudes machistas devem ser questionadas em vez de reproduzidas e naturalizadas, pois, como indicam Pinto e Amorim (2005) “o mero aumento da presença de mulheres em campos masculinos não é suficiente para mudar a prévia cultura gendrada e as práticas homossociais.” (PINTO; AMORIM 2015, p. 14).

Como já citado, todos (as) os (as) entrevistados (as) possuem suas demandas diante dos cursos e suas atividades, como melhora na didática, atividades mais práticas, renovação nas grades de aulas, entre outros. Mas o que percebemos é que existem situações que diferenciam a experiência dos e das estudantes. Percebe-se que há alguns mecanismos que diferenciam e impactam de forma negativa no processo de formação das mulheres que optam por atuar nos cursos destacados.

5. Considerações Finais

Este trabalho de conclusão de curso tentou compreender como a divisão sexual do trabalho impacta a experiência de estudantes dos cursos com maior percentual de estudantes do sexo masculino das Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa.

A partir do conceito de divisão sexual do trabalho (Hirata e Kérgoat, 2007), percebemos que, mesmo que as mulheres tenham se inserido em áreas denominadas masculinas, ainda há desigualdade nas carreiras, especificamente na área de Agrárias.

Os dados analisados apontaram que o CCA não só tem maior percentual de discentes do sexo masculino, como também de docentes. Também foram explicitados os cursos que apresentam maior desigualdade no que se refere ao percentual de homens e mulheres: Agronomia, Engenharia Agrícola e Ambiental e Engenharia Florestal.

Além disso, foram realizadas entrevistas com estudantes de ambos os sexos destes cursos. O foco da análise se deu em perceber nas falas o que era reproduzido de acordo com os estereótipos femininos e as dificuldades encontradas pelas estudantes, pelo fato de serem mulheres.

Pude perceber pelas falas que há uma reprodução do papel da mulher, mesmo que de forma não pejorativa, por todos (as) os (as) entrevistados (as), principalmente quando retratam sobre seus ciclos de amizade e a postura que acham ideal para o profissional das áreas.

Além disso, profissionais das áreas e professores possuem uma resistência à atuação das mulheres de forma que, apesar de não negar a participação destas em todas as atividades, fazem comentários que retratam o papel da mulher vinculado ao lar e, como dependente do homem devido à sua fragilidade e, em caso mais extremo, pelo interesse financeiro. O caso de assédio também foi relatado, o que é extremamente preocupante, uma vez que indica que a presença de mulheres nessas áreas pode gerar, inclusive, violência, seja ela verbal, psicológica ou mesmo sexual.

Com base nos dados e fatos levantados neste trabalho, espero que mais estudos sobre a área de Agrárias sejam desenvolvidos, principalmente, considerando que existem limitações neste trabalho, uma vez que ele se limita ao gênero, não relaciona diretamente com classe e raça, por exemplo. Além desta possibilidade, seria interessante uma pesquisa que analisasse a atuação do corpo docente do CCA ou as experiências das pós-graduandas desta área.

Por fim, almejo que este trabalho possa contribuir para que a instituição, juntamente com os departamentos, atente a estes fatos e tome atitudes para que não se repitam e para que cada dia mais estudantes, independente do seu sexo, possam ter sua graduação de qualidade e com as mesmas oportunidades.

6. Referências Bibliográficas

ALENCAR, Bruna de; GALERA, Vinicius. **“Mulheres se impõem no campo, mas ainda enfrentam preconceito”**. In. Revista Globo Rural. 08 de março de 2016. Disponível em:

<http://revistagloborural.globo.com/Noticias/noticia/2016/03/mulheres-se-impoem-no-campo-mas-ainda-enfrentam-preconceito.html>. Acessado: 04 de novembro de 2016.

ALVES, José Eustáquio Diniz; BELTRÃO, Kaizô Iwakami. **“A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX”**. Trabalho apresentado no *XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Caxambu-MG, 2004.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **“Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos”**. Cadernos de Pesquisa, v.37, n. 132, p. 537-572, set./dez. /2007.

CABRAL, Carla Giovana; BAZZO, Walter Antônio;. **“As mulheres nas escolas de engenharia brasileiras: história, educação e futuro”**. *Revista de Ensino de Engenharia*, v. 24, n.1, p. 3-9, 2005.

CARVALHO, M. G. **“Gênero e Tecnologia: estudantes de engenharia e o mercado de trabalho”**. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Mercado de Trabalho e Gênero: comparações Brasil França, São Paulo e Rio de Janeiro: Anais do Seminário Internacional Mercado de Trabalho e Gênero: comparações Brasil França, v. 1, p. 1-12, 2007.

CASTELLS, Manuel. **“A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura.”** Cap. 4: *“O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação”*. Vol.4, 2000. Disponível em: ftp://ftp.ige.unicamp.br/pub/aulas_prof_a_leda/O%20poder%20da%20identidade%20Cap%204.pdf

HIRATA, Helena, KÉRGOAT, Danièle. **“Novas configurações da divisão sexual do trabalho”**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n.132, p.595-609, set./des. 2007.

LOMBARDI, Maria Rosa. **“Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional”**. Cadernos de Pesquisa, v.36, n. 127, p. 173-202, jan./abr. 2006.

MENEZES, R. S. S.; OLIVEIRA, J. L.; DINIS, A. P. R. **“Simbolismo de gênero e gestão: uma análise das feminilidades de executivas brasileiras”**. *Revista de Gestão e Secretariado – GeSec*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 01-22, jan./jun. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **“O Desafio do Conhecimento— Pesquisa”**. **Qualitativa em Saúde**. Capítulo 10. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 1992.

MONCORVO, Maria Cecília Ribeiro. **“Família brasileira: do patriarcalismo colonial ao crescente poder feminino na contemporaneidade”**. In: “Criando os filhos sozinha: a perspectiva feminina da família monoparental”. 2008.

PATEMAN, Carole. **“Críticas feministas à dicotomia público-privado”**. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Teoria política feminista: textos centrais*. Vinhedo: Ed. Horizontes, 2013.

PINTO, Érica Jaqueline S.; AMORIM, Valquíria Gila de. **“Gênero e Educação Superior: um estudo sobre as mulheres na física”**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

ROSEMBERG, F. **“Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo”**. *Revista Estudos Feministas*, São Paulo, v.9, n.2, p.515-540, jul./dez. 2001.

ROSEMBERG, F. **“Políticas educacionais e gênero: um balanço dos anos 1990”**. Cadernos pagu (16), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, p. 151-198, 2002.

SCOTT, Joan. **“Gênero: uma categoria útil para análise histórica”**. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: Faculdade de Educação da UFRGS n.16, v. 2, p. 5-22. 1990. Disponível em:

<https://xa.yimg.com/kg/groups/23533422/1081670143/name/Genero~JoanScott.pdf>.

ANEXOS

Anexo I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) estudante _____ está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “**Carreiras e Gênero na graduação da Universidade Federal de Viçosa**”. Nesta pesquisa pretendemos analisar as experiências acadêmicas dos estudantes dos cursos de Agronomia, Engenharia Agrícola e Ambiental, e Engenharia Florestal da UFV. O motivo que nos leva a estudar é a ausência de pesquisas no ramo de ciências agrárias que buscam compreender a experiência dos alunos e analise o que difere e o que se reproduz considerando o curso e o gênero. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: uma entrevista aberta com um questionário semiestruturado previamente que será gravada via áudio para, assim, ser transcrita. Estas duram em torno de 30 minutos.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em uma perspectiva generalizante sobre as experiências dos estudantes de determinados cursos. Porém, para evitar isso, constará claramente no trabalho o número de entrevistas realizadas e destacado que cada uma retratará de experiências pessoais, e que estas podem divergir. Além disso, a entrevista será anônima, constando apenas o período de graduação, idade, sexo, curso e cidade de origem dos participantes. A pesquisa contribuirá para analisar as experiências e compará-las para que, assim, possa se pensar em novas medidas, caso algum fator negativo seja reproduzido nas falas e, com isso, gerar melhorias.

Para participar deste estudo, o voluntário sob sua responsabilidade, não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, ele tem assegurado o direito à indenização. O (A) participante tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou o (a) Sr (a) de retirar seu consentimento e interromper a participação do voluntário sob sua responsabilidade, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A

participação dele (a) é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição e do participante quando finalizada. O (A) participante não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. O nome ou o material que indique a participação do voluntário não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no seu endereço fixo atual, que consta no final deste contrato e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a identidade do participante com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu,

concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de graduação Layra Gomes de Barros, do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com alunos, visando, por parte da referida aluna a realização de um trabalho de conclusão de curso. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Viçosa, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do (a) Participante

Assinatura da Pesquisadora

Nome da Pesquisadora Responsável: Layra Gomes de Barros

Endereço: Rua José de Ubaldo Paiva, nº 39 ap201

Telefone: (31) 98405-0489

Email: layra.gbarros@gmail.com

Anexo II: Roteiro de Entrevista

Bom dia/ Boa tarde/ Boa noite. Meu nome é Layra. Sou graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa. Estou realizando esta pesquisa para que orientar meu Trabalho de Conclusão de Curso, que busca compreender como foi e é a experiência da graduação das estudantes na Universidade Federal de Viçosa.

Curso:

Período:

Turno:

Ano de entrada:

Previsão de formatura:

Idade:

Raça:

Cidade de origem:

Sexo:

1. Como você ficou conhecendo a Universidade Federal de Viçosa?
1. Como ou por que você se interessou pelo curso? O que orientou sua escolha?
2. O curso no qual pretende se formar foi sua primeira opção de escolha? (CASO A RESPOSTA SEJA NEGATIVA: qual era a primeira opção e por que não a escolheu).
3. Como você avalia, tendo em vista o seu curso, as disciplinas ofertadas? (Por exemplo: vê utilidade em todas; sente falta de alguns ensinamentos e etc.).
4. Fale um pouco sobre o seu processo de adaptação na UFV. (mudanças de comportamento, hábito, postura).
1. **RELAÇÃO COM OS ALUNOS**
1. Quando você entrou na Universidade, como foi seu entrosamento com os colegas e as colegas de classe?
-Sentiu alguma dificuldade? Quais? (Buscar no diálogo saber a diferença entre colegas do sexo masculino e feminino).

6) Acredita que, ao longo dos anos, estas relações mudaram? Por quê?

- RELAÇÃO COM OS PROFESSORES

8) Como você avalia o corpo docente do seu curso, considerando sua didática, formação, e contato com os alunos?

9) Você acha que existe alguma diferença entre professoras e professores?

10) Houve alguma experiência marcante com algum professor ou professora do seu curso?

- ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

12) Seu curso exige estágio ou outra atividade extra curricular como um requisito para que você possa graduar?

13) Você realizou alguma dessas atividades? Quais? (Se tiver mais de uma: Qual foi a mais importante?). Por quê?

(CASO SEJA POSIVITO)

14) Onde você realizou (estilo de serviço oferecido)? Por que atuou nessa atividade? (direcionamento ou opção).

15) Como você avalia a importância deste estágio para seu futuro profissional, tendo em vista o papel que desempenhou neste?

17) O seu “chefe” no estágio era homem ou mulher?

18) Como era sua relação com ele (a)?

19) Quais foram as experiências que você encontrou durante o estágio? (fatos marcantes).

- PERSPECTIVA DO CURSO

20) Você poderia me descrever as características ideais de um profissional da sua área. (ex: uma referência; modelo de profissional).

Anexo III: Perfil de Entrevistados (as)

AgroM1: Agronomia; 8º período (entrada na UFV no ano de 2013); masculino; 21 anos; negro; Viçosa (MG).

AgroM2: Agronomia; 6º período (entrada na UFV no ano de 2014); masculino; 20 anos; pardo; Viçosa (MG).

AgroM3: Agronomia; 8º período (entrada na UFV no ano de 2013); masculino; 22 anos; negro; Divinópolis (MG).

AgroF1: Agronomia; 6º período (entrada na UFV no ano de 2014); feminino; 23 anos; branca; Teófilo Otoni (MG).

AgroF2: Agronomia; 8º período (entrada na UFV no ano de 2013); feminino; 21 anos; parda; Viçosa (MG).

AgroF3: Agronomia; 8º período (entrada na UFV no ano de 2013); feminino; 21 anos; branca; Cariacica (ES).

EaaM1: Engenharia Agrícola e Ambiental; 10º período (entrada na UFV no ano de 2012); masculino; 21 anos; pardo; Viçosa (MG).

EaaM2: Engenharia Agrícola e Ambiental; 8º período (entrada na UFV no ano de 2010, mas trancou e retornou em 2013); masculino; 24 anos; branco; Ponte Nova (MG).

EaaF1: Engenharia Agrícola e Ambiental; 8º período (entrada na UFV no ano de 2013); feminino; 21 anos; parda; Belo Horizonte (MG).

EaaF2: Engenharia Agrícola e Ambiental; 5º período (entrada na UFV no ano de 2013- atraso devido intercâmbio); feminino; 22 anos; parda; Vitória (ES).

EfM2: Engenharia Florestal; 8º período (entrada na UFV no ano de 2013); masculino; 21 anos; branco; Presidente Bernardes (MG).

EfM1: Engenharia Florestal; 14º período (entrada na UFV no ano de 2010); masculino; 24 anos; branco; Viçosa (MG).

EfF1: Engenharia Florestal; 10º período (entrada na UFV no ano de 2012); feminino; 23 anos; branco; Porto Trombetas (PA).

EfF2: Engenharia Florestal; 6º período (entrada na UFV no ano de 2014);
feminino; 21 anos; parda; Corvelo (MG).